

**José Saramago: *O Conto da Ilha Desconhecida*. Lisboa:  
Pavilhão de Portugal Expo'98 / Assírio & Alvim, 1997.  
Desenhos de Pedro Cabrita Reis.**

*Paulo Roberto Nóbrega Serra* (FOCO.UNTL – CLP / CIAC – Ualg)



O Projeto FOCO.UNTL (Formar, Orientar, Certificar e Otimizar com a UNTL), iniciado em 2019, tem o objetivo de dar continuidade e conferir uma nova dinâmica ao funcionamento do Centro de Língua Portuguesa da Universidade Nacional Timor Lorosa'e, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino em Timor-Leste e a consolidação da língua portuguesa como veículo para aquisição e acesso ao conhecimento. Além da lecionação, o Projeto tem realizado diversas atividades, relevando a dimensão cultural e social da língua junto de um público que se pretende mais vasto,

além do universitário.

Na semana do Dia Mundial da Língua Portuguesa, o Centro de Língua Portuguesa (CLP) – Projeto FOCO.UNTL levou a palco uma leitura encenada de «O conto da Ilha Desconhecida», de José Saramago, com estreia no dia 5 de Maio, no Centro Cultural Português – Embaixada de Portugal em Díli.

No Dia Mundial da Língua Portuguesa e no ano em que se comemora o Centenário do nascimento de José Saramago, os professores do Projeto FOCO.UNTL – CLP, no âmbito da iniciativa Português no Bairro, adaptaram este conto do autor premiado com o Nobel da Literatura em 1998.

Esta pequena grande narrativa ilustra como a boa literatura é transversal a diferentes países e implica sempre novas leituras.

Enquadrada nesta iniciativa, foi ainda apresentada uma brochura,

um trabalho conjunto que reúne depoimentos de entidades de destaque, experiências de leitura da obra de Saramago, fotografias dos ensaios, palavras dos professores-atores sobre o que significou para eles descobrir e adaptar a palco esta história, uma biobibliografia do autor. Foi igualmente elaborada uma leitura crítica do conto, de cariz didático.

É difícil começar a refletir sobre este conto sem pensarmos imediatamente na ilha como motivo literário e na viagem como tema, tão centrais à literatura portuguesa, mas igualmente na literatura timorense, como acontece em *Crónica de uma Travessia*, de Luís Cardoso, que começa justamente com uma travessia entre ilhas e termina novamente com uma travessia marítima...

A narrativa lembra inicialmente um conto de fadas, remetendo-nos para o tempo dos reis, e o discurso aparentemente comum é eivado de uma dimensão simbólica e de uma linguagem poética. Um conto, como se sabe, é um relato pouco extenso, que tende à concentração de eventos e personagens, numa narrativa mais linear, sem desvios de tempo e espaço. Ainda assim aquele que aparenta ser um simples conto condensa uma série de temáticas complexas, da mesma forma que reúne alguns dos elementos centrais à escrita de Saramago: personagens sem nome próprio (o homem, a mulher da limpeza, o rei); inconformismo existencial, que leva à inquietude e ao desejo de rutura com o conformismo; a luta de classes e a contestação do poder; um ambiente próprio do realismo mágico; a força das personagens femininas que servem, quase sempre, de guia aos homens.

O conto começa de imediato com uma crítica ao poder, pois temos um rei que apenas finge agradar aos seus súbditos, sentado à “porta das petições”, apenas para manter a aparência, pois na verdade prefere a “porta dos obséquios”: isto é, dos favores e presentes que outros lhe concedam, e não ele aos seus concidadãos. Há igualmente uma crítica à burocracia (não a de outros tempos, mas a de tempos bem mais recentes). Veja-se como, quando a insistência era muita, “Então, o primeiro-secretário chamava o segundo-secretário, este chamava o terceiro, que mandava o primeiro-ajudante, que por sua vez mandava o segundo, e assim por aí fora até chegar à mulher da limpeza, a qual, não tendo ninguém em quem mandar, entreabria a porta das petições e perguntava pela frincha, Que é que tu queres.” Note-se, no entanto, como a mulher da limpeza, que naturalmente pertence ao povo e não faz parte da máquina burocrática deste palácio, parece ser na verdade quem mais decide, quando se digna abrir a porta e ver quem bate. Mas sobre a importância da mulher falaremos adiante.

O homem que pede um barco representa o inconformismo existencial. Da mesma forma que pretende desafiar os mares desconhecidos, sem possuir quaisquer artes de navegação, desafia o próprio rei. O diálogo entre o homem e o rei está aliás cheio de ironia e sátira, nesse confronto com o poder, mas sobretudo numa clara rutura com as convenções que nos limitam a existência, o marasmo de uma vida feita de coisas pequenas e rotineiras. Note-se como o homem usa recorrentemente o modo verbal do imperativo para falar com o rei (“Dá-me um barco”, “Darás”) e sempre que o rei responde, ele desmonta as réplicas do rei, com frases interrogativas e declarativas (“É tu quem és, para que não mo dês”). Quando o rei finalmente concede o barco é por insistência do coro/povo. O homem, por fim, nem agradece ao rei... pelo menos o texto não o refere explicitamente. O rei, por outro lado, olha para o homem como um louco...

Situando-se a primeira parte do conto à porta do palácio, na segunda metade do conto a ação localiza-se no cais. Também o cais é um espaço simbólico, cheio de significado, associado às partidas e chegadas, porto de início e de fim de viagem. No fundo, o cais é a porta do mar.

Saramago dá-nos sempre exemplos de personagens femininas poderosas (no país sem nome de Ensaio sobre a Cegueira apenas a mulher do médico mantém a visão; a Blimunda de Memorial do Convento que se tornou inesquecível e influenciou diversas escritoras-mulheres, como Hélia Correia). A mulher da limpeza, que movida pelo desejo do homem, acaba por também romper com a sua vida (“as portas que eu realmente queria já foram abertas”) e torna-se, mais do que um suporte, uma força impulsionadora no conto. Além de ter sido ela a abrir finalmente a porta e ser a primeira a falar com o homem, a mulher rapidamente assume detalhes importantes na organização e na limpeza do barco e tenta que o homem não desmotive, chamando-o à razão. É também a mulher a primeira pessoa a conhecer e explorar o barco.

No final desta parábola, que parece decorrer ao longo de um único dia (um arco existencial de uma vida), regressado o homem à embarcação, sem encontrar tripulação, a mulher mantém-se fiel ao seu propósito de partir com ele. Começa a ser notória uma complementaridade entre ambos, uma sincronia de pensamentos além da partilha dessa vontade de ir em busca de uma ilha incógnita. A mulher preocupa-se com o jantar, ele trouxe comida; ela tem velas, ele tem os fósforos; ele tem o sonho da ilha, ela mantém a determinação e procura que ele não se deixe abater; quando descem para dormir, um segue para bombordo e outro para estibordo. Não sabemos bem qual vai para um lado e qual vai para outro. Quando ele acorda, descobre-

se “abraçado à mulher da limpeza, e ela a ele, confundidos os corpos”. Por fim, ao nascer do novo dia, em derradeira comunhão, “o homem e a mulher foram pintar na proa do barco, de um lado e do outro, em letras brancas, o nome que ainda faltava dar à caravela. Pela hora do meio-dia, com a maré, A Ilha Desconhecida fez-se enfim ao mar, à procura de si mesma.”

A caravela, falta dizer, aparece-nos também subtilmente humanizada: “As velas são os músculos do barco, basta ver como incham quando se esforçam, mas, e isso mesmo sucede aos músculos, se não se lhes dá uso regularmente, abrandam, amolecem, perdem nervos das velas”.

Note-se que para esta caravela, como para o ser humano, e é essa a ideia central do conto, mais importante do que mapear o destino, é a própria viagem, a partida para o desconhecido, sem grandes certezas do que se pode encontrar. Quando se afirma “é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós”, o que podemos ler é que a viagem permite o autoconhecimento, o descentramento do eu, ao mover-se no espaço (e no tempo) permite um recentrar-se em si; um pouco como acontece nalguns contos e lendas, trabalhados em obras como *O Alquimista*, em que a busca de um tesouro através do mundo termina no regresso a casa, e na descoberta do tesouro no sítio onde estávamos antes de partir, sendo que a viagem, e o conhecimento que adquirimos ao viajar, representa o verdadeiro tesouro. A ilha desconhecida é, afinal, a página em branco da nossa história, à espera que demos o primeiro passo. E, claro, a viagem tem mais prazer se estivermos acompanhados.